



INCLUSÃO SOCIAL NA AMAZÔNIA. PERSPECTIVA DA TEORIA DIALÓGICA DE PAULO FREIRE

Social inclusion in the Amazon. Perspective of the dialogical theory of Paulo Freire

Leila Maria Souza Palheta¹
Marluce de Amorim Filipe²
Manuel do Carmo da Silva Campos³

Resumo

O texto aqui apresentado versa sobre a Dialogicidade de Paulo Freire, a partir de sua obra intitulada “Pedagogia do Oprimido”, a qual trata sobre o tema em seu terceiro capítulo, evidenciando aspectos relevantes da Filosofia da Educação do referido autor para a ação educacional na relação educador-educando e vice versa, mediatizados pelo mundo, através de temas geradores e explicitada, conjuntamente, com a comunidade, incluindo seus anseios com significados humanos em busca de sua verdadeira libertação. Isso foi o que desenhou a Inclusão Social no Processo Educacional ilustrado na pesquisa de campo sobre a aplicação do Programa “Reescrevendo o Futuro” no Município de Marã no Estado do Amazonas.

Palavras Chaves: Dialogicidade; Libertação; Pedagogia do Oprimido; Alfabetização de Adultos.

Abstract

The text presented here is about the Dialogicity of Paulo Freire, from his work entitled "Pedagogy of the Oppressed", which deals with the theme in its third chapter, highlighting relevant aspects of the Education Philosophy of the aforementioned author for the educational action in the educator-pupil relationship and vice versa, mediated by the world through generative themes and explicitly articulated with the community, including their yearnings with human meanings in search of their true liberation. This is what designed the Social Inclusion in Educational Process illustrated in the field research on the application of the Program “Rewriting the Future” in the Municipality of Marã in the State of Amazonas.

Keywords: Dialogicity; Release; Pedagogy of the Oppressed; Adult Literacy.

Introdução

Paulo Reglus Neves Freire (Recife, 1921; São Paulo, 1997) autor da obra Pedagogia do Oprimido na qual em um de seus capítulos trata da Ação Dialógica Educacional destacando que o diálogo, seja na dimensão formal ou informal, deve levar em consideração a sabedoria presente nos sujeitos da ação. Assim, apresenta um novo paradigma educacional desestruturando as formas de aprendizagem até então evidentes. Neste texto procurar-se-á

¹ Pedagoga pela Uninorte e Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade Maurício de Nassau – Professora em Escolas Particulares na cidade de Manaus; leilamaria.palheta@hotmail.com.

² Pedagoga pela UFAM e Mestre em Educação; Professora e Gestora na SEDUC/AM.

³ Filósofo e Teólogo – Doutor pela PFTNSA da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ PUC - São Paulo; Professor de Ensino Superior na Cidade de Manaus – mcampos@uea.edu.br; manueldocarmo@bol.com.br; Líder do Grupo de Pesquisa Ciência, Ética, Tecnologia, Meio Ambiente e Sociedade para o Ensino de Ciências na Amazônia – UEA/CNPq.



apresentar, sinteticamente, certos aspectos de sua teoria e sua prática na ilustração de parte de uma pesquisa de campo operacionalizada no Programa Reescrevendo o Futuro em Marã, estado do Amazonas.

Sabe-se que o método de trabalho da Teoria da Aprendizagem Dialógica em Freire parte da compreensão do ver, julgar e agir. O Ver se dá a partir da apreensão da realidade circundante dos educandos e do educador, objetivada nos eixos temáticos pela qual se toma consciência, enquanto sujeitos da ação dialógica (educador e educando) da situação da realidade destes que pode ser, também, de opressão; o Julgar é a mediação teórica, científica, sistemática feita pelos estudiosos de determinadas realidades com validade universal, ou seja, o que o conhecimento e a ciência já comprovaram, como por exemplo: a questão da poluição dos rios, dificuldades de aprendizagem, analfabetismo, causas da opressão de certa situação de um país, etc.; o Agir é ação dialogada entre educador e educando, sujeitos dialogando entre si, a realidade social, comunitária, científica, chegando a um consenso que prioriza uma determinada ação concreta para atender uma demanda que pode até ser emergencial, como a questão sobre a biodiversidade, a superação das dificuldades de aprendizagens dos alunos e proposição de políticas públicas para conter o analfabetismo, através de dimensões científicas, sociais, políticas no seu verdadeiro sentido.

A pesquisa de campo aqui referida teve como objetivo principal analisar o Programa Reescrevendo o Futuro aplicado na formação continuada dos profissionais de educação e seu desdobramento na alfabetização de adultos. Um tema que gera discussões sobre os déficits curriculares dos cursos de graduação para professores oferecidos no Brasil e, também, é visto pela sociedade como um dos aspectos para a melhoria da qualidade de ensino no País.

Atualmente se vive diante de uma sociedade globalizada com exigências de profissionais que tenham qualificação para exercer a função de professor. Diante do atual contexto, o cenário educacional desde, então, adquire um ideário popular de educação que consiste em aprimorar as habilidades dos educadores para que estes venham a produzir sua capacidade de ensinar com qualidade e conteúdo.

Na metodologia utilizada, além da pesquisa bibliográfica, ocorreu uma pesquisa de campo com a aplicação do método dialético, observação participante, entrevistas e questionários realizados com professores e alunos, a partir de uma determinada amostra, do



Curso de Alfabetização do Programa de Letramento Reescrevendo o Futuro da UEA/AM, no Município de Marrã, no Amazonas. O estudo analisou os relatos dos professores alfabetizadores e dos alunos alfabetizados na tentativa de compreender a metodologia utilizada no curso de formação, as estratégias que coloca professores como praticantes reflexivos e alunos como sujeitos da aprendizagem, revendo as concepções acerca da alfabetização, tornando alfabetizador e alfabetizando na dialogicidade construtores da sua própria história num contexto de interações que conduzem a uma prática libertadora, capaz de construir uma sociedade mais justa e humana. Neste artigo se analisa apenas os relatos dos alunos denominados C, D e E, assim, não consubstanciando a primeira parte da pesquisa que era, como informa o seu objetivo, analisar a formação continuada de professores atuantes no programa mencionado.

A Dialogicidade Freiriana⁴

O novo desse paradigma educacional da aprendizagem dialógica de Freire (2011) está no fato de que essa modalidade, além de apresentar um método, uma técnica, cientificidade e prezar pela instalação da cidadania⁵, evidencia e destaca o sujeito educador e educando como pessoa enquanto ser humano presentes em uma realidade circundante, que embora integrado a esses procedimentos não se reduza a eles. Nesse aspecto essas mediações ou modalidades necessárias para a aprendizagem estão postas para proporcionar a humanização do ser humano, que pode estar em situações desumanas visualizando, também, o respeito por toda a biodiversidade (OLINDA e FIGUEIREDO, 2006).

Vale ressaltar que a cidadania é uma instância requerida já pelos filósofos gregos na tentativa de suplantar as tiranias consagradas e impostas pelas divindades que não podiam ser confrontadas e desobedecidas. Essa discussão sobre o Estado tem todo um percurso histórico

⁴ Para uma discussão sobre a Teoria de a Aprendizagem Freiriana ver: BESSA, 2008, p. 111s.; MARTIN, 2007.

⁵ Vale ressaltar que a cidadania é uma instância requerida já pelos filósofos gregos na tentativa de suplantar as tiranias consagradas e impostas pelas divindades que não podiam ser confrontadas e desobedecidas. Essa discussão sobre o Estado tem todo um percurso histórico muito bem discutido pelos filósofos iluministas e chegando ao que se tem hoje com as constituições dos países, entre eles o Brasil, que na trajetória atual deste país está muito indefinida, haja vista a sequência de violência que cresceu neste ano de 2017.



muito bem discutido pelos filósofos iluministas e chegando ao que se tem hoje com as constituições dos países, entre eles o Brasil, que na trajetória atual deste país está muito indefinida, haja vista a sequência de violência que cresceu neste ano de 2017.

Vale ressaltar que, segundo Freire (2011), coexiste integrações de saberes entre educador e educando que dialogando vão aprendendo um com o outro sobre si, o mundo, a biodiversidade⁶ (na tentativa de integrar a perspectiva de Freire com a dimensão de transdisciplinaridade na ótica de Morin, 2000) e nessa interação visam o que é melhor e viável para o bem comum e a vida em geral. Não há imposição de saber e poder, mas interação e ação democrática, reciprocidade do conhecimento (OLINDA e FIGUEIREDO, 2006).

Freire (2011) rejeita a imposição de saberes e entende que a autossuficiência não se coaduna na ação dialógica.

A autossuficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de *pronúncia* do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar do encontro com eles. Neste lugar do encontro não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais (FREIRE, 2011, p. 112).

Fica evidente na concepção dialógica freiriana que a integração de saberes necessários para a conscientização, busca da libertação, enquanto dinamismo de aprendizagem é feita pelos seres humanos que podem estar em situações subalternas, desprestigiados da humanização provocada por sistemas do poder opressor. Assim, a dialogatividade é mediação de suplantação dessa opressão.

O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situações concretas, alienados ter este poder prejudicado. Esta possibilidade, porém, em lugar de matar no homem dialógico a sua fé nos homens, aparece a ele, pelo contrário, como um desafio ao qual tem de responder. Está convencido que este poder de fazer e transformar, mesmo que negado em situações concretas, tende a renascer. Pode renascer. Pode constituir-se. Não gratuitamente, mas na e pela luta por sua libertação (FREIRE, 2011, p. 112 - 113).

⁶ Na tentativa de integrar a perspectiva de Freire com a dimensão de transdisciplinaridade na ótica de Morin em sua obra Saberes Globais e Saberes Locais: o olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.



A dialogicidade educacional versada no pensamento de Freire (2011) faz ver que a busca de um conteúdo programático educacional não provém de “uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos”, e sim da “devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada”. Assim, “a educação autêntica, repitamos não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2011, p. 116).

Segundo Freire (2011, p. 121)

É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação. O momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos de *universo temático* do povo ou o conjunto de seus temas geradores. Esta investigação implica, necessariamente, uma metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. Daí que seja igualmente dialógica. Daí que, conscientizadora também, proporcione, ao mesmo tempo, a apreensão dos “temas geradores” e a tomada de consciência dos indivíduos em torno dos mesmos.

Freire (2011) faz compreender que a relação dialógica entre educador e educando não se dá fora da mediação homem – mundo que é evidenciada na metodologia dos temas geradores. Isso implica selecionar através deles a problemática emergencial sem desconsiderar as demais, que devem ser levadas em conta e debatidas na expectativa de soluções a curtas e longo prazo. Isso não quer dizer que os integrantes da ação dialógica estejam conscientes de suas situações de alienação.

Na relação homem – mundo via essa metodologia ocorre a desalienação. “Investigar o tema gerador é investigar, repitamos o pensar dos homens referidos à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis”. Transparece nessa perspectiva freiriana que essa sua metodologia “exige, [...] que no fluxo da investigação, se façam ambos os sujeitos da mesma – os investigadores e os homens do povo que, aparentemente seriam seu objeto” (FREIRE, 2011, p. 136).

Vale lembrar que o transfundo motivador de toda essa ação dialógica educacional, via à metodologia cima mencionada, deve estar preenchida de significados humanos relacionados ao seu ambiente circundante. De maneira que segundo Freire (2011, p. 138).



Captá-los e entendê-los é entender os homens que os encarnam e a realidade a eles referida. Mas precisamente porque não é possível entendê-los fora dos homens, é preciso que estes também os entendam. A investigação temática se faz assim um esforço comum de consciência da realidade e de autoconsciência, que a inscreve como ponto de partida do processo educativo ou da ação cultural de caráter libertador.

Na tentativa de destacar um dos aspectos que Freire (2011) encerra o capítulo sobre a **Dialogicidade**, falando da “Significação Conscientizadora da Investigação dos Temas Geradores” (p. 138), entende que a elaboração de um programa educativo em que os sujeitos da ação, “educadores-educandos e educandos-educadores conjuguem sua ação cognoscente sobre o mesmo objeto cognoscível, tem de fundar-se, igualmente, na reciprocidade da ação. E agora, da ação mesma de investigar” (p.139).

O Autor referido destaca que “a investigação temática, que se dá no domínio do humano e não das coisas, não pode reduzir-se a um ato mecânico. Sendo processo de busca, de conhecimento, por isso tudo, de criação, exige de seus sujeitos que vão descobrindo, no encadeamento dos temas significativos, a interpenetração dos problemas” (FREIRE 2011, p. 139).

Evidenciando a tarefa do “educador dialógico” Freire (2011) sublinha que esse deve, “trabalhando em equipe interdisciplinar este universo temático recolhido na investigação, devolvê-lo, como problema, não como dissertação, aos homens de quem recebeu”. Faz ver que numa “visão libertadora... o seu conteúdo programático” não provém de uma imposição de finalidades estranhas impostas aos educandos e comunidade, mas “... parte e nasce” do povo “... em diálogo com os educadores, reflete seus anseios e esperanças”. Assim, “a investigação da temática” ser entendida “como ponto de partida do processo educativo, como ponto de partida de sua dialogicidade. Daí, também, o imperativo de dever ser conscientizadora a metodologia desta investigação[...] Neste sentido é que, desde o começo, a investigação temática se vai expressando como um que fazer educativo. Como ação cultural” (p. 142 -143 e p. 145).

A teoria da Aprendizagem Dialógica de Freire (2011) enquanto parte da Educação Libertadora propõe que “[...] os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros” (p.166). O processo educativo é pesquisado e construído dialogicamente com o povo.



A Inclusão Social na Alfabetização no Programa Rescrevendo o Futuro no Município de Maraã

Relato do Aluno C:

Tenho 42 anos, e confesso que não tinha coragem de voltar a estudar, na minha cabeça eu não tinha mais idade pra aprender a ler e escrever tinha, também, a vergonha, o medo das pessoas me criticarem, até que um dia precisei fazer um empréstimo e na hora de assinar o contrato, tamanha foi a surpresa do gerente quando disse que não sabia assinar meu nome, que usava o indicador, ele disse que não acreditava que um homem de boa aparência como eu não soubesse escrever, ainda mencionou em pleno século 21 com tantos programas, projetos pra acabar com o analfabetismo, e ainda existe pessoas acomodadas como eu. Naquele dia sai dali desmoronando, arrasado, mas quais ficou na minha cabeça, procurei me informar e descobri que o programa reescrevendo ia iniciar em Maraã, não pensei duas vezes fui fazer minha reserva. Hoje sou outro homem, não tenho mais que passar pelas situações que um analfabeto muitas vezes é obrigado a passar, sei ler e escrever, graças a paciência das minhas professoras, do apoio do projeto que mudou a vida de muitas pessoas (ALUNO ALFABETIZANDO).

O Aluno com 42 anos de idade frequenta o programa no intuito de alcançar o diferencial que a escolarização, segundo ele pode lhe proporcionar. No seu relato conta que um analfabeto sofre discriminação e confirma que no século em que vivemos temos oportunidades, mas precisou vivenciar uma situação para tomar uma atitude, deixar de ser analfabeto.

Como afirma Freire (1996):

Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica, a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo (p.153).

Neste percurso, constata-se a importância do educador trabalhar o resgate a autoestima desses jovens e adultos que, por diversas razões se privaram de estudar na época certa, sendo uma parte de excluídos do processo social de alfabetização. Para Freire, a relação professor-aluno deve ser um ato amoroso e científico potencializando o processo de criação e recriação, fundamental para a transformação da realidade existencial dos sujeitos.

O projeto promoveu na vida de seus alunos vários benefícios, um deles foi a mudança de postura após voltar a estudar, começam a se relacionar com os colegas, se tornam mais desinibidos, participam das aulas, sentem-se motivados a cada avanço. É a dialogicidade emancipando o analfabeto à cidadania a partir de sua realidade circundante. Interessante



ressaltar que o alfabetizado, conhecendo a sua realidade de opressão, a analisa e ao mesmo tempo busca solução, superação e libertação. É sujeito pesquisado, pesquisador de sua própria situação de exclusão social e ao mesmo tempo libertador. Para isso a comunidade escolar e social são parceiras desta ação, haja vista que o educando vive num contexto cultural (FREIRE, 2011).

Relato do Aluno D:

Aprendi a ler e escrever com 54 anos, achava que seria muito difícil àquelas letras todas entrar na minha cabeça, consegui com muita dedicação e sufoco, as aulas foram divertidas, contávamos casos, receitas de comidas, músicas que aprendemos no meio de muita alegria, quando percebia o tempo passava sem me dar conta, fiz amizades, tinha muita vergonha de falar pra muita gente, lá na sala de aula não tinha isso não, a gente participava sim, a professora perguntava e eu tinha que responder, com o tempo fui perdendo a vergonha, hoje faço leituras, até prosas para os colegas. Sem o apoio das professoras eu tinha desistido, quando eu faltava elas apareciam lá em casa, e não tinha jeito eu voltava, porque sei que elas tinham prazer em me receber de volta, aquilo serviu pra me animar, hoje consigo escrever um bilhete pra minha irmã que mora em Fonte Boa, ela não vai acreditar que sou eu, nem eu acredito às vezes, é um sonho tão distante que chegou pra mim (ALUNO ALFABETIZANDO).

Através dos relatos dos alunos se percebe que a função social do projeto foi muito além da expectativa inicial que eles tinham. Se antes pretendiam a volta a estudar para aprimorar conhecimentos como a leitura e a escrita, sonhavam em escrever e ler um bilhete, hoje está tendo mais do que isso. As aulas proporcionaram conhecer e frequentar novos espaços, estreitar laços familiares, estabelecer novas amizades e novas posturas frente à vida. Note que através da alfabetização desses alunos a cidadania capta os estudantes os resgatando para o estado cidadão ao qual eles não sabiam que tinham esse direito. Diálogo muito bem realizado entre professores, educando e comunidade numa realidade concreta (FREIRE, 2011).

A partir da metodologia do reescrevendo através de um levantamento dos temas geradores ligados diretamente à vivência dos educandos, onde são definidos temas geradores, os alfabetizadores conduziam uma discussão em sala de aula em torno da temática enfocada. Os alunos participavam das discussões, das construções de textos coletivos. O alfabetizador ia fazendo uso das estratégias que valorizam a participação dos alunos. Essas atividades possibilitam não só o desenvolvimento das habilidades de síntese e análise como, também, por se valerem de interpretações e inferências, contribuem para o pensamento dedutivo, crítico, reflexivo e libertador.

Em muitas turmas eram organizadas ações de melhoria contemplando a temática



estudada. É relevante destacar que, ao problematizar sua realidade, os educandos passam efetivamente a compreendê-la e, conseqüentemente, tornam-se capaz de nela intervir (FREIRE, 2011).

Relato do Aluno E:

Venho de uma família humilde e sem recursos, sofri muito na minha infância fui criada na zona rural e meus pais não deixavam eu e minhas irmãs estudar não, tínhamos que trabalhar pra ajudar em casa. Vontade eu tinha, mas meu pai não mudava de opinião. Meus dois irmãos estudaram e hoje sabem ler. Só agora morando em Maraã, recebi um convite da professora pra estudar e aprender a escrever meu nome estava meio sem coragem, mas depois que vi outras colegas da minha idade eu me animei, aqui a gente vive momentos de união, que um fica alegre com o aprendizado do outro, o que eu aprendo eu tento de passar pra colega que ainda não aprendeu, e assim vamos nos ajudando. As professoras brincam, faz da aula uma alegria, a professora é muito querida e tranquila, tem muita paciência pra ensinar, é diferente do que eu pensei, eu agora não quero parar, quero aprender mais, sei que posso e acredito em mim (ALUNA ALFABETIZANDA).

Percebe-se pelo relato da aluna E que a intenção primeira de frequentar a escola foi tolhida pelas dificuldades econômicas enfrentadas pela família, e depois quando pessoa adulta, a exclusão ao ensino aconteceu pelo modelo patriarcal dominante da sociedade em questão. A aluna afirma que foram os exemplos dos colegas da mesma faixa etária que a encorajou, motivando-a a estudar. Os alunos buscavam relações afetivas com o professor, pois lhes proporcionavam satisfação pessoal e alegria. Todos esses desejos de relações afetivas, os alunos adultos do Reescrevendo o Futuro buscavam nas aulas, além da aprendizagem da leitura e da escrita.

Ressalta-se aqui a importância da proposta metodológica do programa Reescrevendo o Futuro, pois antes de tudo respeita as peculiaridades de cada aprendiz, que possui um amplo conhecimento de mundo e de uma história de vida que precisa ser respeitada e valorizada. Nesse sentido o professor alfabetizador é peça fundamental nesse processo de letramento, por isso é essencial à formação com conhecimentos teóricos e metodológicos para atuar com a proposta deste curso. A metodologia do programa oportunizou aos alfabetizando atuarem como autores e protagonistas de sua própria história.

A didática, metodologia e a cientificidade do programa referido e sua condução pelos professores no diálogo com os alunos evidencia na pesquisa a proposta almejada por Paulo Freire no seu debate sobre dialogicidade (FREIRE, 2011).



Considerações Finais

A Teoria da Aprendizagem Freiriana versada na dimensão da Dialogicidade evidencia que educador – educando e educando – educador na ação educativa são portadores de saberes, embora diferentes.

Essa ação, além de portar e postar o diálogo com o mundo a partir dos temas geradores, os quais devem brotar das situações provindas dos anseios do povo na tentativa de resolução libertadora, não pode provir da imposição de sistemas opressores, mas da relação dialógica com toda a comunidade. Tudo isso é que credencia o processo educacional na perspectiva do educador estudado na dimensão dialógica.

A pesquisa fez ver a partir do modo como o Programa Reescrevendo o Futuro foi conduzido pelos alfabetizadores e alfabetizando numa dimensão de dialogicidade, que o referido programa contribuiu para que a história de professores e de alunos fossem repensadas e mudadas, evidenciando outra dimensão do conhecimento, através da orientação da relação educador-educando. O direito à voz dessa parcela de excluídos consistiu no ponto de partida da prática docente comprometida com as questões sociais e políticas surgidas da realidade dos alunos daquele momento.

Na perspectiva da Filosofia da Educação ficou evidente que o Programa Reescrevendo o Futuro no município de Maraã consolidou um compromisso político e social, revendo as concepções acerca de alfabetização, desconstruindo uma possível prática positivista radical do círculo transmissão-escuta e teceu caminhos que conduzem para uma prática libertadora, com caráter dialético.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

BESSA, Valéria da Hora. **Teorias da Aprendizagem**. Curitiba: IESDE Brasil, 2008.

MARTIN, Daniele Fortes. **A Aprendizagem em Paulo Freire e Piaget**. Monografia de



MARUPIARA

REVISTA CIENTÍFICA DO CENTRO DE ESTUDOS
SUPERIORES DE PARINTINS

Graduação. Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho. Bauru, 2007.

MORIN, Edgar e TERENA, Marcos. **Saberes globais e saberes locais**: o olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

OLINDA. Ercília Maria Braga de; FIGUEIREDO, João Batista de A. (Orgs.). **Formação Humana e Dialogicidade em Freire**. Ceará: Editora da UFC, 2006,

Trabalho apresentado em 23/07/2017

Aprovado em 23/11/2017